

WILLARD VAN OMAR QUINE E A NATURALIZAÇÃO DA EPISTEMOLOGIA: APROXIMAÇÕES COM O LEGADO DE DEWEY

WILLARD VAN OMAR QUINE AND THE NATURALIZATION OF EPISTEMOLOGY: APPROXIMATIONS WITH THE DEWEY LEGACY

EDNA MARIA MAGALHÃES DO NASCIMENTO¹

Abstract: This study results from an investigation into the theoretical approximations between Willard Van Omar Quine's (1908-2000) thinking and John Dewey's (1859-1952) philosophical pragmatism. The focus of this approach is the naturalistic and realistic conception of knowledge developed by these two theorists. It seeks to understand the conceptual connection in the epistemology of both, above all, Quine's references to a radical empiricism without dogmas. The criterion of comparative analysis will be the following theses: the rupture with aprioristic philosophy, realistic naturalism, criticism of the dogmas of empiricism, the defense of holism as an alternative to the traditional view of knowledge.

Keywords: Pragmatism; Naturalism; Empiricism; Holism.

Resumo: Este estudo resulta de uma investigação sobre as aproximações teóricas entre o pensamento de Willard Van Omar Quine (1908-2000) e o pragmatismo filosófico de John Dewey (1859-1952). O enfoque desta abordagem é a concepção naturalista e realista de conhecimento desenvolvida por estes dois teóricos. Busca-se compreender as conexões conceituais presentes na epistemologia de ambos, sobretudo, as referências de Quine a um empirismo radical e sem dogmas. O critério de análise

Resumen: Este estudio resulta de una investigación sobre las aproximaciones teóricas entre el pensamiento de Willard Van Omar Quine (1908-2000) y el pragmatismo filosófico de John Dewey (1859-1952). El objetivo de este enfoque es la concepción naturalista y realista del conocimiento desarrollado por estos dos teóricos. Se trata de comprenderlas conexiones conceptuales presentes en la epistemología de ambos, sobre todo, las referencias de Quine a empirismo radical sin dogmas. El crite-

¹ Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil. Programa de pós-graduação em filosofia – PPGFIL e mestrado profissional de filosofia – PROF-FILO. Capes – coordenadoria de aperfeiçoamento de pessoal. email: magaedna@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6855-9642>

comparatória será as seguintes teses: a ruptura com a filosofia apriorística, o naturalismo realista, a crítica aos dogmas do empirismo, a defesa do holismo como alternativa à visão tradicional do conhecimento.

Palavras-chave: Pragmatismo; Naturalismo; Empirismo; Holismo.

rio de análisis comparativo será la tesis siguiente: a la ruptura con la filosofía apriorística, el naturalismo realista, crítica de los dogmas del empirismo y la defensa de holismo con la alternativa de una a la visión tradicional del conocimiento.

Palabras clave: Pragmatismo. Naturalismo. Empirismo. Holismo

1. Introdução

O interesse desta investigação foi buscar similaridades entre o pensamento de Willard van Omar Quine (1908-2000) e a filosofia de John Dewey (1859-1952) no que diz respeito à abordagem naturalista e empirista do conhecimento. No bojo desta discussão, busca-se compreender os conceitos centrais da epistemologia presentes no pensamento destes dois filósofos, dentre estes: a ruptura com a filosofia apriorística, o naturalismo, a crítica aos dogmas do empirismo e a defesa do holismo como alternativa à visão tradicional do conhecimento. Este artigo resulta de uma pesquisa mais ampla desenvolvida na Universidade de Navarra-Espanha sobre a atualidade da Epistemologia Realista e Naturalista de John Dewey e sua contribuição para a filosofia no século XXI. Além de Quine, a investigação se baseou nestes aspectos filosóficos (naturalismo e empirismo) da obra de autores como Sidney Hook, Putnam, Rorty, e dos brasileiros Paulo Freire e Anísio Teixeira. Para os propósitos deste texto se tentará identificar aproximações entre Quine e Dewey em relação aos princípios epistemológicos deste último a fim de discutir a sua atualidade.

Consciente de que não há uma filosofia a priori, Dewey formulou a tese da experiência como tribunal para validar o conhecimento. Ele entendeu que os significados e as crenças podem até ser compreendidos como entidades mentais, mas são resultantes dos processos naturais, interacionistas e da chamada arte social. Tanto Rorty quanto Putnam haviam declarado que o neopragmatismo deveria passar necessariamente por Quine. Eles creem que Quine é um nome tão significativo para estas ideias quanto às teses os velhos pragmatistas². Pode-se dizer que Quine é herdeiro da tradição pragmatista de Dewey e Peirce cuja ideia de conhecimento se sustenta em resultados obtidos pelos naturais critérios cognitivos.

² Ramón del Castillo, “Desde un Punto de Vista Pragmático: Quine y sus críticos”, in: Perona et al, *El retorno del Pragmatismo* (Madrid: editora Trotta, 2001), 239.

2. Dewey e Quine: aproximações teóricas

Considerando a ênfase de Quine nos processos naturais e interacionista da produção do conhecimento se faz necessário perguntar a partir do contexto da epistemologia naturalista deste filósofo se é possível extrair aproximações entre este naturalismo quiniiano e a filosofia pragmatista de Dewey. Vejam o que o próprio Quine escreveu a respeito de Dewey.

Filosoficamente estou ligado a Dewey pelo naturalismo que dominou suas três últimas décadas. Com Dewey, eu sustento que conhecimento, mente e significados são partes do mesmo mundo com que eles têm a ver e que eles têm de ser estudados com o mesmo espírito empírico que anima a ciência natural. Não há lugar para uma filosofia a priori³.

O filósofo declarou está ligado a Dewey por conta do seu naturalismo. Há, portanto, este ponto de aproximação que deve ser examinado. Esta aproximação encontra-se, sobretudo, na obra de Dewey de 1938: *Lógica: Teoria da Investigação* e no célebre artigo de Quine *Epistemology Naturalized* [Epistemologia Naturalizada] de 1968, no qual o filósofo traz à luz a discussão daqueles temas que Dewey empreendeu no começo do século XX, sobre a inevitável conexão da filosofia às ciências. Como componente desse contexto, encontra-se a rejeição aos dualismos da tradição filosófica na tese de Quine publicada no ensaio *Two dogmas of Empiricism* [Dois dogmas do empirismo]. Tanto o dogma da separação entre o analítico e o sintético quanto o dogma do reducionismo pertencem à mesma ordem de questões que Dewey tinha investigado.

O empirismo moderno se constituiu numa perspectiva filosófica condicionada, segundo Quine, por dois dogmas. O primeiro dogma combatido pelo filósofo é a crença que existem uma divisão fundamental entre verdades *analíticas*, que são independentes dos fatos, ou seja, são os enunciados formais; e verdades *sintéticas*, fundadas na *experiência*, isto é, nos fatos. Com base nesta divisão uma teoria se divide em duas classes: a classe dos juízos analíticos, necessários e a *priori*, e a classe dos juízos sintéticos e a *posteriori*. O segundo dogma que Quine combate é o chamado *reducionismo*, isto é, a crença que todo enunciado significativo é equivalente a algum constructo lógico que refere à experiência imediata⁴.

³ Willard van Omar Quine, *Ontological Relativity and Other Essays*, Epistemology Naturalized (New York: Columbia Press, 1969).

⁴ Willard van Omar Quine *Dois Dogmas do Empirismo*, trad. port. (São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975), 237- 254.

Quine foi considerado um demolidor de grande parte da tradição filosófica, pois sustentou que ambos os dogmas são mal fundamentados. Ele herda dos pragmatistas o combate aos dualismos da filosofia tradicional e derrubou a barreira de uma suposta distinção entre analítico e sintético. Com isto pretendeu desfazer a fronteira supostamente separava a filosofia da ciência natural e, neste esforço, terminou por reforçar a concepção pragmatista, característica do pensamento de Peirce, James e Dewey. Como consequência desta crítica desenvolveu uma concepção holística do conhecimento. O holismo postula que uma teoria é como um campo de forças no qual tudo se liga de maneira sistemática. Apenas a periferia está conectada diretamente ao mundo da experiência, enquanto no núcleo da teoria é composto de enunciados teóricos.

Como escreveu Bulcão Nascimento⁵:

[...] Seu “Two Dogmas” tornou-se um dos artigos mais influentes e discutidos da história da filosofia anglo-fônica, poucos trabalhos tem causado um impacto tão forte na comunidade filosófica. E não poderia ser diferente, uma vez que, nele, Quine consegue minar as próprias bases onde o empirismo tradicional se fundava e, com isso, abrir espaço para um novo modo de pensar as relações entre filosofia, ciência e empirismo, as relações entre a linguagem e o mundo.

Feitas estas considerações iniciais passaremos a uma breve exposição da vida e da obra de Quine para compreender o contexto em que o filósofo desenvolveu suas ideias e teses principais.

Quine foi filósofo, matemático e ganhou notabilidade por sua crítica ao empirismo lógico (em particular, ao uso da distinção analítico-sintético). Entretanto, este argumento deve ser visto como parte de uma visão de mundo abrangente contrária à distinção entre filosofia e ciência empírica. Com base nesta relação Putnam, por exemplo, vê Quine como um teórico que se apoia em um vasto espectro do pragmatismo clássico, em especial o naturalismo epistemológico de Dewey⁶.

Willard van Orman Quine nasceu em 25 de junho de 1908 em Akron, Ohio e faleceu em Massachusetts no ano 2000, (Estados Unidos). Foi o segundo filho de Cloyd Robert Quine e Harriet (Van Orman) Quine. Desde tenra idade mostrou interesse por matemática. Quine fez pós-graduação em matemática e filosofia no *Oberlin College* (1930), e apenas dois anos mais tarde defendeu sua tese de doutoramento (sobre os fundamentos da lógica e

⁵ Marcos Bulcão Nascimento. *A Filosofia de Quine* (São Paulo: FAPESP-USP / PUC/ Vozes, 2009), 3-7.

⁶ Hilary Putnam. *El Pragmatismo* (Barcelona: Gedisa editora, 2006), 239.

matemática), desta vez em Harvard, sob a orientação de Alfred Whitehead. Fez uma brilhante carreira acadêmica em Harvard. Assumiu a docência quase ininterruptamente de 1936 até sua aposentadoria em 1978. Somente se afastou de Harvard nos períodos compreendidos pela Segunda Guerra Mundial (quando serviu como um oficial da marinha, ajudando a decifrar os códigos utilizados pelos submarinos alemães) e por ocasião de suas extensivas viagens. Permaneceu ativo até o final de sua vida, sempre prolífico em publicações e conferências em todo o mundo.

Quine conseguiu uma bolsa de estudos que lhe permitiu passar uma temporada na Europa (1932-33). Este período foi um dos mais efervescentes em termos intelectuais neste continente. O jovem Quine frequentou em Viena os círculos do positivismo lógico e encontrou-se com lógicos da escola de Varsóvia e Praga. Desta maneira, além dos americanos C. I. Lewis, A. Whitehead e B. F. Skinner, ele encontrou-se com nomes como Bertrand Russell, Alfred Tarski, Kurt Gödel, Alfred Ayer, Moritz Schlick e Rudolf Carnap, de quem se considerava discípulo direto e que foi provavelmente a maior influência filosófica de sua vida.

O encontro de Quine com Carnap ocorreu apenas quatro anos depois deste ter publicado um dos seus maiores trabalhos, o *Der Logische Aufbau der Welt* [A estrutura Lógica do Mundo], em 1928. Além de professor de Quine, Carnap tornou-se seu amigo. Esta amizade fez com que Quine investisse na vinda de Carnap aos Estados Unidos durante o período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial.

Fortemente influenciado por Carnap, as primeiras publicações de Quine no campo da lógica são um tipo bem próxima daquelas ideias feitas em Viena. Somente aos poucos vai afastando-se desta influência, demonstrando uma divergência teórica com seus antigos mestres europeus. Esta divergência é sentida principalmente na publicação dos livros *Methods of logic* [Métodos de Lógica] e *From a Logical Point of View* [De um ponto de vista Lógico]. Este último trata-se de um livro de artigos no qual se destacam dois trabalhos importantes: *On What there is* [sobre o que há] e *Two Dogmas of Empiricism* [Dois Dogmas do Empirismo]⁷.

Entretanto, embora Quine nunca tenha abandonado a lógica matemática, a partir de 1951 em diante, especialmente depois da publicação de “Two Dogmas of Empiricism” ele obtém uma ampla reputação também como um importante filósofo da linguagem de tradição analítica. Quine publicou mais de 20 livros e 150 artigos os quais abordam áreas tão diferentes como lógica matemática (*Mathematical Logic*, 1940), teoria dos conjuntos (*Set Theory and its Logic*, 1963), filosofia da lógica (*Philosophy of Logic*, 1970), filosofia

⁷ Bruno Batista Petterson. *A Naturalização da Epistemologia: Empirismo, Ciência e Semântica em Quine*. (São Paulo: Loyola editora, 2014), 20.

da linguagem (*TheRootsofReference*, 1974), ontologia (*Theories and Things*, 1981) e epistemologia (*Pursuit of Truth*, 1990) dentre outros.

No ensaio “Two Dogmas”, Quine questiona a clássica distinção entre dois tipos de verdades, uma analítica e meramente baseada na linguagem, e a outra sintética e redutível a observações individuais. Está é a pedra de toque do empirismo tradicional, que perde sua defesa diante da argumentação de Quine. A distinção analítico-sintético que Quine combate vem da tradição desde Leibniz, Hume e Kant; passa pela peneira dos recursos técnicos de Frege, Russell e Carnap e, de modo especial, da filosofia logicista da matemática cuja tendência é articular matemática e lógica. Quine é considerando o crítico do empirismo clássico mais fervoroso, também reconhecido como filósofo da tradução radical, do holismo em ciência e da relatividade ontológica. Para enfatizar a perspectiva interacionista do conhecimento formulado por Quine, Bulcão Nascimento (2009) afirma:

[...] embora seja óbvio que a verdade dos enunciados depende tanto da linguagem quanto de fatos extralingüísticos, isso não significa que a verdade de cada enunciado em particular seja analisável em um componente linguístico e um componente factual, tomados isoladamente. Na verdade, ciência e mundo defrontam-se como blocos indivisíveis, e assim Quine propõe, contra a distinção entre o analítico-sintético do empirismo tradicional, uma visão holista para as relações entre linguagem e mundo⁸.

Neste sentido, ele visava com seu projeto promover uma reorientação no empirismo, de maneira que pudesse livrá-lo de seus dogmas e esta empresa foi levada a cabo com o seu naturalismo. Portanto, o naturalismo é a unidade teórica presente no conjunto da obra de Quine.

3. A Epistemologia Naturalizada

Quando Quine diz estar ligado a Dewey pelo seu naturalismo, deve-se registrar que o naturalismo de Dewey parte da eficácia das teorias científicas. O naturalismo nos leva a perceber que, a partir das interações presentes no ambiente, um organismo experiente pode estabelecer previsões em relação aos acontecimentos futuros, de tal maneira que a situação presente seja inserida na história do *fluxo dos acontecimentos*. Com base nessa compreensão naturalista da experiência, Dewey passou a desenvolver a defesa do método empírico em filosofia, cuja aplicação faz com que o pensamento, operando

⁸ Bulcão Nascimento, *A Filosofia de Quine*, 3-7.

a partir das contingências observadas, se desenvolva de maneira integrada com a realidade⁹.

Quine assim como Dewey pode ser chamado de naturalista, ou seja, ambos nos revelaram que as teorias científicas descrevem o mundo apropriadamente, mesmo que de forma aproximada. A ciência tem como objeto o mundo observável, mas também o inobservável, pois ela nos permite adquirir não somente o conhecimento empírico ou o tecnológico, mas principalmente o conhecimento teórico de entidades pressupostas. Os fenômenos “inobserváveis” subjacentes aos fenômenos macroscópicos que observamos são fatos ilustradores. Por exemplo, “[...] as teorias físicas dizem que as mesas que observamos são na verdade compostas de moléculas, as quais são compostas de átomos, os quais são compostos de outras partículas ainda menores, como elétrons e quarks¹⁰”.

Quine postulou uma concepção realista do mundo sem submeter-se ao empirismo lógico e nem ao empirismo dogmático. O realismo científico tem caráter preditivo, ou seja, uma teoria aplicada a uma massa de dados consegue-se identificar padrões ocultos e prever o que poderá ocorrer. O realismo científico postula nestes termos o seguinte: as entidades inobserváveis realmente existem; são aproximadamente tais como as descrevem as teorias científicas maduras; a substituição de uma teoria por outra implica uma *preservação relevante* da estrutura explicativa da teoria anterior.

Há toda uma complexidade diante destes postulados, para alguns os objetos observáveis são os mais seguros, entretanto em virtude do falibilismo da ciência estão sempre sujeitos a autocorreção e quanto aos objetos inobserváveis à sua garantia é mais duvidosa ainda. Para sair desta encruzilhada, Quine desenvolveu o seu naturalismo holístico. O naturalismo de Quine consiste numa valorização positiva da ciência enquanto esquema conceitual que dispomos para lidar com a natureza. As teorias científicas conseguem organizar a experiência humana de um modo sistemático e sem precedentes, sendo capazes não apenas de unificar ordens antes esparsas de conhecimento, como também de realizar predições.

Certamente Dewey concordaria com Quine diante desta compreensão do naturalismo. O naturalismo compreende a ciência como um empreendimento humano, em construção, autocorretivo e falível. Não há uma *filosofia primeira* ou um tribunal superior da razão para resolver os seus problemas. Conta-se, portanto, com os recursos que estão disponíveis. Qual a certeza que um conhecimento é verdadeiro se não há justificação e garantias absolutas? Esta reflexão é pertinente porque segundo Quine os recursos disponíveis

⁹ Edna Maria Magalhães do Nascimento, *Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da cultura* (Teresina: EDUFPI, 2014), 65-66.

¹⁰ Bulcão Nascimento, *A Filosofia de Quine*, 3-7.

para a justificação e garantia do conhecimento só podem ser obtidos a partir da utilização do método hipotético-dedutivo, método de hipótese e teste de suas predições. Mesmo considerando que este método também está sujeito a mudanças e correção é, “o melhor método de que dispomos, mas que não oferece nenhum tipo de garantia absoluta”¹¹.

A abordagem pragmática de Dewey também rejeitou uma *filosofia primeira*, ao contrário disto, ofereceu um “tribunal da experiência”, ainda que mitigado, fornecendo assim alguma justificação provisória para o conhecimento. Para Dewey a garantia epistemológica decorre e remete à verificação experimental. Nesse sentido, uma proposição ganha validade à medida que adquire *assertividade garantida*. Essa última expressão designa o *status* atingido por uma proposição quando ela se torna garantida através do processo contínuo e autocorretivo de investigação. Essa visão dinâmica do processo de conhecimento se opõe à imagem estática tradicional de uma proposição que adquire o *status* de conhecimento através de uma relação lógica com a experiência. Qualquer asserção garantida precisa ser refinada e justificada através de testes contínuos na experiência¹².

Para ambos a ciência é o que dispomos e embora esta seja falível, autocorretiva e gere dúvidas, enquanto naturalistas, nenhuma dessas dúvidas tem suas possíveis respostas fora de uma ciência humana atual. Para Quine,

“[...] se não há verdade a ser encontrada fora da ciência; se a ciência presente é o árbitro mais elevado para decidir questões de verdade e realidade, então à conclusão que se impõe é que, dentro do naturalismo, não há questões que sejam significativas e *em princípio* irrespondíveis¹³”(tradução nossa).

O giro naturalista de Quine permitiu reconhecer que a realidade deve ser descrita e observada dentro da ciência e não por uma filosofia prévia. Quando Quine se compromete com um empirismo sem dogmas, o filósofo revela que desde Descartes passando por Locke, Berkeley, Hume até os positivistas lógicos, a realidade sempre foi pensada com base em um dogma, seja a ideia de que a evidência se fundamenta em ideias claras e distintas, como produto da intuição intelectual, seja o sistema de ideias de base sensorial seja as orações observacionais e lógicas.

¹¹ Edna Nascimento, *A Filosofia de Quine*, 3-7

¹² Edna Nascimento, 185.

¹³ Willard Omar van Quine. *From a Logical Point of View*. (New York: Harper & Row, Publishers, 1953), 40-41

4. Empirismo sem dogmas e a defesa do holismo

A epistemologia empirista, que surgiu como um projeto de fundamentação das ciências, assumiu duas direções: uma no sentido conceitual que se preocupou com os significados dos enunciados científicos e, outrano sentido de uma direção doutrinal, preocupada com a verdade desses enunciados. Este projeto que tinha como motivação a tentativa de explicitar e clarificar o que se constitui como evidência sensorial para a ciência e, sobretudo, discernir o que conta como evidência para cada enunciado científico, fracassou, conforme Quine. Este fracasso decorreu, segundo Quine, de uma conceção particular e falsa, das relações vigentes entre linguagem e mundo.

Em virtude desta conclusão, no ensaio “Os dois Dogmas do empirismo” Quine demonstrou que o primeiro dogma que consiste na divisão entre analítico e sintético esteve presente na análise epistemológica tradicional; e o segundo dogma, que consiste no reducionismo, ou seja, na afirmação de que todo enunciado significativo é considerado como traduzível em um enunciado (verdadeiro ou falso) sobre a experiência imediata, esteve presente como tema central do neopositivismo. Tradicionalmente esta distinção compreende duas classes de enunciados para tratar do conhecimento. Uma classe cujo valor e significado de verdade vêm da experiência, da ocorrência dos fatos no mundo e a outra cujo valor de verdade independe da experiência, pois são estabelecidas com critérios internos aos processos de expressões linguísticas. Em relação à primeira classe, os primeiros enunciados são chamados de *sintéticos* e os segundos, pertencentes a segunda classe são chamados *analíticos*. Entretanto, Quine argumenta que a distinção entre estas duas classes de enunciados é um equívoco. Todo enunciado depende, em parte da linguagem, portanto são analíticos e dependem, em parte, da experiência, são sintéticos. Quine esclarece que a noção de analiticidade, ou seja, a distinção pretendida entre enunciados e linguagem não passa de um dogma dos empiristas, sem qualquer base empírica, um metafísico artigo de fé.

Quine demonstrou que os enunciados analíticos podem ser classificados com base em dois tipos verdades analíticas: as verdades lógicas que são consideradas assim quando algo é verdadeiro em virtude dos seus termos; e as verdades analíticas, quando algo é verdadeiro em virtude de seu significado. As primeiras, por exemplo, “*todos os solteiros são solteiros*” é uma proposição verdadeira em virtude de sua forma, isto é, em virtude das partículas lógicas que a sustentam; as segundas, por exemplo, “*todos os solteiros são não casados*” são verdadeiras em virtude do significado dos termos lógicos presentes na asserção. Porém, se considerarmos esta asserção como verdadeira, tanto em virtude de seus termos quando dos seus significados teremos um problema de sinonímia: “solteiros” e “não casados” são sinônimos e teríamos argumentos sempre circulares em virtude da sinonímia.

O problema de dar conta da analiticidade propriamente dita é, de todo modo, o problema de dar conta da sinonímia ou da identidade do significado. Quine resume suas conclusões em duas afirmações: a) todo esforço em explicar a noção de analiticidade é inútil, pois a mesma recorre a noções mais obscuras, como as noções de significado e sinonímia que não ajudam em clarificar as asserções, mas que resultam em argumentos circulares; b) O esforço de introduzir a noção em linguagens artificiais fracassa também, pois as regras semânticas, mais do que clarificar a analiticidade, a pressupõem¹⁴. Portanto a verdade de enunciados puramente analíticos não passa de uma falácia.

Em relação ao segundo dogma, ou seja, o dogma do reducionismo, este diz respeito à crença em que o conteúdo empírico de todo enunciado é derivado diretamente da linguagem da experiência direta do usuário. Isto significa que cada enunciado significativo é equivalente (reduzível) a algum constructo lógico sobre termos que se referem à experiência imediata¹⁵.

Para combater este equívoco conceitual, Quine demonstra que o reducionismo, mesmo em sua forma atenuada, corrobora com o dogma de que existe uma separação entre analítico e o sintético: Ambos os dogmas estão indissociavelmente vinculados à teoria verificacionista do significado, segundo a qual o significado de um enunciado ou sentença é o método de, empiricamente, confirmá-lo ou infirmá-lo. Para Quine, ao contrário desta concepção, não é factível traduzir diretamente a linguagem da experiência a não ser por meio de um enunciado lógico. A relação entre um enunciado e a experiência não é direta e independente, mas é sempre mediada por uma teoria. Por suposto, a verdade de todo enunciado depende em parte da linguagem e em parte da experiência. A dualidade existe e não será escamoteada, entretanto, a ciência só pode se constituir por uma visão de conjunto.

Assim, Quine prepara a tese holística para defender um empirismo sem dogmas. O holismo pressupõe que um enunciado não pode traduzir-se separado da observação e ao fazer isto se pressupõe o significado de outros enunciados que só poderão ser interpretados em um contexto teórico experimental necessário. Todos os enunciados se submetem ao tribunal da experiência. Deste modo, o holismo pode ser lido assim: A Ciência constitui um corpo de crenças, todas sujeitas à revisão, tendo à lógica e a matemática no centro. A ciência toca a experiência pelas bordas e seu estado final é resultado do ajuste global na descrição dos valores de verdade.

Como antecedentes desta visão holística estão os filósofos pragmatistas, Pierre Duhem, Charles S. Peirce e Dewey. Especificamente se reconhece na

¹⁴ Willard Van Omar, *Acerca del conocimiento científico y otros dogmas*, trad. esp. (Barcelona: Edições Paidós, 2001).

¹⁵ Quine, *From a Logical Point of View*, 40-41.

argumentação de Quine aspetos da concepção de ciência dos pragmatistas, segundo a qual o conhecimento científico é como uma ferramenta para efetuar predicacões úteis. O pragmatismo é útil para entender as referências teóricas do projeto quiniiano de naturalização da epistemologia e segue sendo útil para entender as ideias essenciais de Quine. Enquanto o holismo proporciona o requisito à globalidade do significado no contexto de uma rede de enunciados, o pragmatismo proclama a ideia de interações e a perspectiva de conjunto, comportando o critério de verificação dos enunciados cuja função é contrária a uma verdade evidente, uma vez que, a dependência dos significados se subordina a uma noção de conduta.

Dewey também sustentou que conhecimento não se trata de uma questão de representação mental, tal qual a ideia de um “museu da mente”, no qual as coisas são etiquetadas pelo poder da razão. Por outro lado, o conhecimento também não é uma questão de apreensão da realidade pelo sensorialmente dado. Ao contrário desta ideia, conhecimento é conexão e comunicação, aqui identificamos semelhanças com a tese holística de Quine. Na mesma direção de Dewey, Quine recusa qualquer perspectiva psicologista e mentalista do significado das ideias. E rejeita esta perspectiva analítica sobre a “ideia da ideia”. Tudo que supostamente seja da esfera do mental deve ser reconhecido como atividade corporal, como disposição para o comportamento. Desta forma, a comunicação não é um comércio entre mentes, trocas de significados ou ideias desencarnadas, mas o que cumpre uma função de percepção, fala e ação, portanto a linguagem é uma apreendida socialmente.

5. A indeterminação da tradução e a inescrutabilidade da referência

Ao apresentar suas teses sobre a indeterminação da tradução e a inescrutabilidade da referência, Quine demonstrou que, no campo da linguagem, encontra-se na literatura semântica a teoria do significado e a teoria da referência. A teoria do significado compreende os conceitos de sinonímia e analiticidade, enquanto a teoria da referência compreende conceitos mais elevados como verdade e denotação. Quine se opõe a teoria do significado e assume a teoria da referência. Por esta perspectiva lógica, o filósofo entende que os conceitos e significados estritamente empíricos são reduzidos a uma situação concreta de comunicação e interação sendo, portanto, mais adequados e verossímeis em termos lógicos. Enquanto os enunciados que se justificam pela sinonímia e que são considerados logicamente verdadeiros em função de seus termos, não conseguem responder às lacunas inerentes aos contextos opacos que impedem a substituição de termos correferenciados.

Quine retoma o que Frege denominou de contextos opacos, na medida em que a substituição de um termo por outro, possuidor do mesmo referente

implica a alteração da verdade. Por exemplo, posso falar da “estrela matutina” e da “estrela vespertina” ambas tem o mesmo referente, isto é o planeta Vênus, mas são diferentes em relação ao contexto empregado. Do ponto de vista lógico, podemos afirmar que o número nove é maior que sete. Entretanto se afirmamos que 9 (nove) é o número de planetas, trata-se de um contexto opaco cuja certeza depende da experiência empírica, portanto, não é uma proposição puramente lógica.

Esta posição contrária ao mentalismo tem como consequência a tese da *indeterminação da tradução* explicitada por Quine no exemplo da *tradução radical*. Esta última refere-se ao emprego de um idioma completamente desconhecido não havendo nenhuma referência histórica cultural como fonte de tradução, a não ser que o tradutor se apoie em dados simples para relacionar-se, tais como gestos e expressões faciais, dentre outras. Quine imagina um cientista chegando a uma comunidade tribal e no processo de comunicação por gestos, identifica o termo “gavagai” na linguagem dos nativos. O que é “gavagai”? Pode ser coelho? Quine diz que sim, porque os nativos sempre apontam para coelho quando pronunciam este termo, entretanto, podem apontar também para “partes separadas do coelho” ou “estágio temporal do coelho”, ou “coelhidade”, não se pode dizer que a tradução é correta, pois temos que nos limitar a situações observáveis no marco da noção de significado estimulante. Cabe observar que tais traduções, embora incompatíveis entre si, são compatíveis com todos os comportamentos verbais dos falantes, e, portanto, não haveria como justificar, de um modo puramente empírico, a preferência de uma tradução em relação à outra, desta maneira temos uma situação de indeterminação.

Portanto, não podemos ir além do empírico, nem formular hipóteses sobre os estados mentais dos nativos; como se as intenções fossem depositadas na estante da mente e os termos com suas respectivas etiquetas. Não podemos representar mentalmente porque nossa noção de significado é puramente empírica. Diferentemente da natureza cheia de fatos relevantes, para a física, a semântica, ao contrário, está faticamente vazia de conteúdo. A tese da indeterminação da tradução se converte em relatividade ontológica, na qual Quine procurou explicar situações em que existem teorias idênticas em termos empíricos e incompatíveis em termos lógicos, sendo que neste caso ele recomenda a aplicação de manual alternativo de tradução, desde que este tenha como marco de referência uma linguagem de fundo. Duas formulações são equivalentes empiricamente quando implicam os mesmos categóricos observacionais.

Sobre o tema da *indeterminação da tradução* Dewey poderia dizer que a nossa experiência é mediada pelo contexto da linguagem, mas mediações não são distorções, muito menos ocultações. Por exemplo, o caçador experimenta a lança como uma arma de caça, como um significado adquirido pela

comunicação e pela atividade social. Mas esta mediação não é distorção, é seletividade. A afirmação *esta é uma lança* não é testada comparando o objeto em questão a uma coisa em si pré-linguística ou comparando-o à essência perfeita da “*lancidade*”. Nem é testada para ver se o enunciado é consistente com a linguagem em uso. Na verdade o teste é feito quando usamos o objeto denotado como uma lança, arremessando-o. Isso constitui a realidade objetiva para Dewey¹⁶. A afirmação *esta é uma lança* está carregada de teoria e de significado, mas esse último não esconde algum ser verdadeiro subjacente. Ao contrário, pois o fato de a experiência ser carregada de significados constitui um requisito indispensável, uma vez que, à medida que os apreendemos corretamente, os significados nos ajudam a funcionar efetivamente como participantes de eventos naturais¹⁷.

Estas teses apresentadas são importantes para que possamos deduzir daí o naturalismo de Quine e sua ligação com Dewey. Quine escreveu sobre o caráter falibilista das teorias científicas, mas nem por isso, segundo o autor, pode-se prescindir delas. Quine argumenta que, o que temos disponível é, sem sombra de dúvida, o método hipotético. Se a ciência é autocorretiva é porque este é um traço do fazer humano, entretanto, o conhecimento produzido no âmbito da ciência tem mais probabilidade de concordar ou corresponder com a realidade.

Os dois autores concordam que a questão clássica da teoria da correspondência sobre os objetos do mundo e aquilo afirmamos deles, só tem sentido quando dermos ao termo “corresponder” o sentido de *deve ser* e de *responder*, isto significa que as teorias sobre o mundo devem ser as mais eficazes possíveis. Portanto, este “responder” implica em apresentar uma solução que foi requerida. Assim uma teoria pode ser chamada de verdadeira quando sua relação de correspondência, no sentido restrito e comum, é uma atitude de resposta e uma tentativa de ajuste na qual deve ocorrer um encaixe mútuo entre a situação, as respostas que provocaram e os seus efeitos.

Quine considerou o pragmatismo clássico como uma teoria progressiva do empirismo, como uma fase em que o empirismo tenderia a se torna holístico e poderia ir se desprendendo de dogmas. Desta feita, o reconhecimento de Quine que o pragmatismo fez parte de um processo de desconstrução dos dogmas do empirismo é importante para que resgatemos o estudo desta doutrina nos dias atuais. A concepção holística do conhecimento presente em Dewey e Quine é uma alternativa às explicações mecanicistas do mundo

¹⁶ James Gouinlock. *What the Legacy instrumentalism? Rorty's Interpretation of Dewey* (London: Saatkamp Jr, 1995), 83.

¹⁷ Nascimento, *Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da cultura* (Teresina: EDUFPI, 2014), 185

e são adotadas em diversas escolas científicas sob a denominação de teoria sistêmica como, por exemplo, a teoria de Maturana da Escola de Santiago¹⁸.

Considerações Finais

O naturalismo de Dewey, sua concepção de ciência autocorretiva e falibilista, a teoria da correspondência ou de justificação das crenças foram temas tratados também por Quine e merecem a devida atenção no atual contexto da reflexão epistemológica. Pudemos ver que o naturalismo de Quine implica na relação de continuidade e não separação entre filosofia e ciência. Quine não se envolveu com os problemas da chamada demarcação entre ciência e não ciência, típica dos autores do Círculo de Viena. Sua posição sustenta que a garantia para se falar em conhecimento e crenças, não repousa em nenhuma objetividade absoluta, entretanto, “estas garantias são internas ao método científico, falível por certo, mas virtualmente em perpétuo desenvolvimento¹⁹”.

O ponto de partida de Quine é a renúncia de qualquer filosofia apriorista. Ele recusa também a ideia daquele de tipo de ciência que embora assimile o caráter falibilista da ciência ainda guarde alguma esperança no alcance de uma verdade objetiva. Com base nesta perspectiva naturalista, Quine suplantou o empirismo tradicional e seus dogmas e trouxe contribuições significativas para a ciência e a filosofia contemporânea, sobretudo, com a adoção de uma ideia pragmatista do conhecimento.

¹⁸ Paulo Roberto Margutti Pinto, “As ideias de Maturana e sua repercussão”, in *Boletim UFMG*, Nº 1308 (2001) <https://www.ufmg.br/boletim/bol1308/segunda.shtml>. Acesso em 09/10/16. “O modelo biológico de Maturana pode ser aplicado na explicação de diversos fenômenos importantes. O conhecimento, por exemplo, pode ser definido como comportamento adequado ou ação congruente com o mundo. Do ponto de vista do fechamento operacional, nós, seres vivos, criamos um mundo; do ponto de vista do acoplamento estrutural, experimentamos interações com o ambiente e corrigimos nossa imagem do mundo a partir delas. A linguagem, por sua vez, surge a partir do acoplamento estrutural entre seres humanos. Ela depende de uma convivência íntima e colaborativa, que gera uma rede de conversações (conjunto de comportamentos coordenados mutuamente disparados entre os falantes). Nesta perspectiva, a linguagem não envolve transmissão de informação, mas apenas coordenação comportamental num domínio fechado de acoplamento estrutural. As trocas comunicativas constituem verdadeiras coreografias refinadas de coordenação comportamental. Os nossos conceitos são todos derivados destas interações comportamentais. Quanto à sociedade, ela surge das interações cooperativas e recorrentes entre seus membros. Um sistema social é uma rede de interações que funciona como um meio no qual os seres vivos se realizam como tais e conservam sua organização e adaptação”.

¹⁹ Bulcão Nascimento, *A Filosofia de Quine*, 19.

Bibliografia

- Ramón del Castillo, “Desde un Punto de Vista Pragmático: Quine y sus críticos”, in Perona et al. *El retorno del Pragmatismo* (Madrid: editora Trotta, 2001).
- John Dewey, *Que entiende el pragmatism por “practico”*, trad. esp. (Madrid: Editora Biblioteca Nueva, 2000).
- _____, *La Influencia del darwinismo en la filosofía* (1909) trad. esp. de Manuel Ángel Faerna (Madrid: Editora Biblioteca Nueva, 2000).
- _____, *Propositions, Warranted Asseribility and Truth* (1941) in ID *The Later Works of John Dewey* (Illnois: Southern Illinois University Press, 1991).
- _____, *Reconstruction in Philosophy*, enlarged edition, (Boston: The Beacon Press, 1957).
- _____, *Experience and Nature* (New York: Dover Publications, 1958).
- _____, *The quest for Certainty: a study of the relation of knowledge and action*. (Minton: Balch, 1929).
- James Gouinlock, *What is the Legacy instrumentalism? Rorty’s Interpretation of Dewey*, in H. J. Saatkamp Jr., (ed.). *Rorty and pragmatism. The philosopher responds to his critics* (Nashville and London: Vanderbilt Un Press, 1995).
- Edna M. M do Nascimento, *Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da cultura* (Teresina: EDUFPI, 2014).
- Marcos Bulcão Nascimento, *A Filosofia de Quine* (São Paulo: FAPESP-USP, PUC/Vozes, 2009).
- Willard Van Omar Quine, *From a Logical Point of View* (New York: Harper & Row, Publishers, 1953).
- _____, *Acerca del conocimiento científico y otros dogmas*, trad. esp. (Barcelona: Edições Paidós, 2001).
- _____, *Ontology e relativity and otheressays*. New York: Columbia University Press, 1964.
- _____, *Dois dogmas do empirismo*, trad. port. De Marcelo G. da S. Lima. (São Paulo: Abril Cultural, 1980).
- Angeles Jiménez Perona, et al., *El retorno del Pragmatismo* (Madrid: Editora Trotta, 2001).
- Bruno Batista Pettersen, *A Naturalização da Epistemologia: Empirismo, Ciência e Semântica em Quine* (São Paulo: Ed. Loyola, 2014).
- Paulo Roberto Margutti Pinto, “As ideias de Maturana e sua repercussão”, in *Boletim UFMG*, nº 1308 (2001). Acesso em <https://www.ufmg.br/boletim/bol1308/segunda.shtml>

